

Proseando
Sobre Pelegos



Poemas

Telmo Mário Dornelles Gosch



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Proseando sobre Pelegos,
poemas de autoria do Engenheiro Agrônomo Telmo Gosch, Passo-Fundense do Boqueirão, oportuniza aos conterrâneos e a todos os gaúchos extraviados por este Brasil, Mas bah tchê! e são muitos, que degustem poesias, matando as saudades e revivendo recordações do Pago e da alma gaúcha.

No sossego dos pelegos,
Sirvo a doce infusão
Naquela hora mais fria,
Ouvindo o canto do galo,
De escrever uma poesia,
Falando de um cavalo.

Leva-nos ainda a uma viagem para o norte, pois o autor reside a mais de 30 anos no antigo norte goiano – Estado do Tocantins aonde o Cerrado, de belas terras e de tantas lendas, nos oferece as caudalosas e misteriosas águas dos rios Araguaia e Tocantins.

O rastro serpenteava
Sobre a brancura da areia,
O Araguaia ondulava [...].

E a outras viagens mais, principalmente ao nosso passado lapidando aí as nossas tradições calcadas no chimarrão, no pelego, no cavalo, no galpão, no fogo de chão...

Junto ao fogo de chão
E a chaleira sem idade,
Tu passas de mão em mão
Semeando hospitalidade.

Proseando
Sobre Pelegos



Poemas

Telmo Mário Dornelles Gosch



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Telmo Mário Dornelles Gosch

Proseando sobre pelegos
Poemas

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilha Igual 3,0 Não Adaptada](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR).

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 18/01/2014

G676p Gosch, Telmo Mário Dornelles
Proseando sobre pelegos [recurso eletrônico] :
poemas / Telmo Mário Dornelles Gosch. – Passo
Fundo : Projeto Passo Fundo, 2014.
E-book (formato PDF).
ISBN 978-85-8326-052-3

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Poesia brasileira. I.
Título.

CDU: 869.0(81)-1

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

Sobre o Autor

Passofundense, 23/07/1946, criado “solto” nos amplos espaços que oferecia o Bairro Boqueirão em meados do século passado.

Filho do alfaiate João Carlos Moreira Gosch e de Elvira Dornelles Gosch.

Engenheiro Agrônomo formado pela Universidade Federal de Santa Maria, pós-graduado em Engenharia de Segurança do Trabalho pela Universidade de Passo Fundo.

Mudou-se há mais de 30 anos para o antigo norte goiano, hoje Estado do Tocantins, a onde continua a desempenhar suas atividades na Agropecuária.

Deixou o umbigo e as raízes enterrados no Boqueirão. Intitula-se como gaúcho de nascimento, amor e formação, eternamente saudoso dos pagos e tocantinense de coração.

Telmo conta que alguns amigos leem suas poesias e comentam – Não sabia que escrevias poesia! Ao que responde – Também não sabia!

- Dediquei-me a poesia tardiamente, “quando, quem sabe, faltam poucas braças para o sol se por”, aos 63 anos, atendi ao desafio de uma querida amiga e colega de trabalho, Renata Serafim, escrevi Pros Fundos do Boqueirão.

Escrevo por quatro motivos: primeiro por saudade dos pagos; segundo por uma questão de saúde, pois o envolvimento cerebral é arma poderosa quanto aos males da terceira idade; a seguir pelo prazer da brincar com as letras, palavras e rimas e, finalmente pelo incentivo que recebo de minha esposa, Margarete de meus filhos e amigos.







Com amor, carinho e amizade,
Ofereço a:

Elvira, Dina, Marga, Cris, Juli,
Cari, Bê, Lulu, Lelê, Celso, Rô,
Viní, Pedrão, Guigui e João.

E a todos os Gaúchos que como
eu e os meus, estão extraviados
Neste Brasil de meu Deus.

*Enfim pra ser gaúcho
Eu não preciso estar lá,
Falo-te isso com calma
Eu trouxe o pago pra cá,
Ele está em minha alma
Num relicário ardente,
Alvo, claro, transparente,
Irisado em cores malva
Com luzes de pirilampo
E raios da Estrela D'alva.*

*Como pressagiu o Minuano,
Invadimos o Brasil...*





Prefácio

O destino nos prega peças inimagináveis. Muitas delas, de tamanha grandeza e alegria, que nos proporcionam vivenciar intensa emoção, orgulho e alegria.

Prefaciando esse grande feito do sempre amigo, Telmo Gosch, é poder eternizar minha participação na aventura do seu viver.

Através da publicação do seu primeiro livro de poesias, Proseando sobre pelegos, quando degusta, serenidade e plenitude no auge de sua maturidade suficientemente expressiva, Telmo nos brinda com uma obra poética (em estilo gaudério) pulsante de recordações e altivez pela “Querência” amada.

Na cadência de seus versos de lapidada sensibilidade e na harmonia de suas rimas, somos aconchegados pelas lembranças apaixonadas por esse torrão gaúcho. “*Meu umbigo é verdade/Enterrei naquele chão/Também minha saudade/Ficou lá no Boqueirão*”.

De imediato a emoção brota através dos versos que falam da saudade do pago, do carinho e amor dedicados a esse rincão. De muito longe fala - esse gaúcho/goiano ou tocantinense/gaúcho- da intensidade de seus afetos, ideais, virtudes e gratidão. “*Venho de um pago distante/Solo sagrado – fecundo/Natureza estonteante/Dos campos de Passo Fundo*”.

Retoma sua trajetória de vida na garupa do passado, enaltecendo, como um relicário ardente, a cultura e a natureza do Rio Grande do Sul. “*O passado é meu destino! Meu pensamento é profundo/Chego logo a minha infância/Nos campos de Passo Fundo*” [...].

[...] *Da reserva do Taim,/Do churrasco bem dourado/Das hortênsias de Gramado, [...].*

Com entusiasmo e paixão, todas essas lembranças, convocadas nessa obra, são resumidamente reminiscências de tributo ao pago e ao viver. Vale a pena conferir!

Pia Elena Zancanaro Borowski

Professora Especialista em Gerontologia Social Mestranda do Programa de Pós-graduação em Envelhecimento Humano da UPF.
Membro da Academia Passo-Fundense de Letras.





Índice

Pros Fundos do Boqueirão _____	13
Do Rio Grande ao Tocantins _____	17
Viagem _____	21
Lagenária vulgaris (Tributo a Cuia) _____	25
Erva Mate... Chimarrão _____	27
Chaleira sem idade _____	29
Lanças de Guamirim _____	33
Lenço encarnado _____	37
(Tributo a Alcides Gosch) _____	37
Mágico broche (Fivela de prata) _____	41
Banco _____	45
Mocho de três pernas _____	47
Mala de garupa _____	49
O cão e a vaca _____	53
Matungo _____	59
Buenas-tardes _____	63
De Netos e Sonhos _____	65
De sereias e botos _____	67
Lembranças (Campos de Soledade) _____	71
Algodão doce _____	75
Circo _____	77
Vitrina _____	81
Velho armário _____	83
Velho _____	87
Uma rede _____	91
Amor para amar _____	93
Fumaça _____	95
Profanada _____	99
Talismã _____	103
Terna Magia _____	105
Paz _____	109
Glossário _____	111





Pros Fundos do Boqueirão

Meu umbigo é verdade,
Enterrei naquele chão,
Também minha saudade
Ficou lá no Boqueirão.

Nasci miudinho – perrengue,
Quase não escapo desta
Sai pro oco do mundo,
À benzedura e promessa.

De origem mui carente
Eu padeci pra crescer
Meu desafio era urgente
Peleei muito pra vencer.

Era topada nas pedras
Alpargatas nos garrões,
Segui a trilha agrônômica
Fui trabalhar nos sertões.

Por uma graça divina
Repontei bendita china
E, como nos contos e fados,
Vivemos enamorados.



A china tem olhos verdes
Cabelos cor de cevada,
Ternura em pele alva
Com brilhos da estrela D'alva.

As crias foram bem vindas
Felizes estão aqui,
São três gurias mui lindas
E um macho com pedigree.

No vício pelo trabalho
Trabalhei sempre com sorte
No destino um atalho
Segui então pra região norte.

Apreendi a comer pequi
E falar Vixe Maria
Deixei o tchê por ai
Perseguindo a minha trilha.

O tempo passa ligeiro,
Como vôo de um colibri
Não me sinto forasteiro
Mas queria estar ai.

Fiz amigos, fui honrado,
Já cheguei de sobre ano
E pra este povo dourado
Era Gaúcho/Goiano.



Segui então minha sorte
Com arrocho - com ação
No peito saudade forte
Recuerdos do Boqueirão.

Lembro sempre o velho pago
Com carinho - com amor
E tenho um largo afago
Pelo imortal tricolor.

Churrasco, eu tenho assado,
Prá companheiros de luxo,
Criamos um novo Estado,
Sou Tocantinense/Gaúcho.

Faço assim à narrativa
De um passante no mundo
Minha história é primitiva
Sou Gosch de Passo Fundo.

Estou veterano inquieto
Já com pêlo arará
Tenho um magote de netos
Conservo a alma de piá.

Quando chegar minha hora
Na retina o meu rincão,
Voltem então minha cabeça
Pros fundos do Boqueirão.





Do Rio Grande ao Tocantins

Lêem minhas poesias
E já se prendem a pergunta,
Vai voltar prá tua querência?
E quando isso será?
Escreves apaixonado
Busque outra direção
Estar longe, desterrado,
Não é sofrimento em vão?
Porque não voltas pra casa?
Pro teu povo, teu rincão.

Sou andante equilibrado
Transpirando esperanças,
Ao norte fui sequestrado,
Olhos cheios de lembranças,
Sonhei novo alvorecer
Falo com fé e confiança,
Quis o destino aquecer,
Percorrendo este caminho,
Este é meu jeito de ser
Explico devagarzinho.



Venho de um pago distante,
Solo sagrado – fecundo,
Natureza estonteante,
Dos campos de Passo Fundo
Terra de povo vibrante,
Que viaja e invade o mundo,
Na simplicidade do andante,
Aos céus canto em louvor,
Nos tropeços do errante
Rogo as benções do Senhor.

Habitam-me recuerdos sim,
Do vinho do chocolate
Do perfume do jasmim,
Das prosas tomando mate,
Do por do sol escarlate
Da reserva do Taim,
Do churrasco bem dourado
Das hortênsias de Gramado,
É um quadro emoldurado
Um quadro pintado em mim.

Sopra vento Aragano,
Como está determinado,
Segui o meu destino
Com o coração derramado,
Arriei minha bandeira
Vai ela comigo embora,
Levo comigo este pano
Esta é a minha hora,
Sob as luzes da aurora
Digo adeus e vou embora.



O homem faz seu caminho
Parti firme sem assédio,
Despedi-me dos trigais
Dos pinheiros, pinheirais,
Cruzei o planalto médio
Cruzei terras e Estados,
Matas, campos e jardins,
Mora aqui eterno verão
É o sul do Tocantins,
Colorindo minha visão.

Enfim pra ser gaúcho
Eu não preciso estar lá
Falo-te isso com calma
Eu trouxe o pago pra cá
Ele está em minha alma
Num relicário ardente
Alvo, claro, transparente,
Irisado em cores malva
Com luzes de pirilampo
E raios da Estrela D'alva

Tecido com fios de saudade
Prespontado em amizade.
Nesta bolsinha carrego:
O perfume de meu pago;
Amizade – amor e afago
Cachaça buena pro trago;
A água lá da Mãe Preta;
Um pássaro, uma borboleta,
Pandorga – caniço e anzol;
E finos raios de sol.



Fica tudo misturado
Numa amizade sem fim
É a tradição do gaúcho
Chegando ao Tocantins,
Aqui criei os meus filhos
Vi nascer aqui meus netos
Como os andarilhos,
Eu não tenho desafetos,
Tenho uma vida feliz
Aqui me sinto completo.

Ponho-me a meditar
Pensam que me vou embora,
Não posso enganar
Tenho saudades de outrora,
Mas sabia pelejar
Quando sai campo a fora
Busquei novos horizontes
Com a raça que se expande
Agora aqui é minha fonte
Já não volto pro Rio Grande.



Viagem

O sábio trabalha duro,
Quer visitar o passado
Quer viajar ao futuro,
É um trabalho louvado,
Que discordo, mas aturo,
Com meu pensamento alado
Sigo sempre pro passado,
Imaginando o futuro.

Ao futuro eu não vou!
Nem quero ser convencido,
Só vou, se for atado,
Ou se for abduzido,
Eu... Não irei nem pintado!
Aqui, ninguém me convence,
Como diz o velho ditado,
O futuro a Deus pertence.

O passado é meu destino!
Meu pensamento é profundo,
Chego logo a minha infância
Nos campos de Passo Fundo,
Tenho lá minha estância
CEP gravado no chão,
Andradas - quatro, meia, meia,
Bairro do Boqueirão.



A existência era insegura,
Pobre, simples, mas vivida,
A boia? Revirado com fritura
E um naco de rapadura,
A roupa? Remendada e puída
Passava de mão em mão,
Desbotada, envelhecida,
Servia pra algum irmão.

Mas a alegria era farta
A felicidade então...
Papai rabiscando uma carta,
Mamãe fazendo o boião,
A gurizada entusiasmada,
Só de cuequinha e calção,
E nos campinhos da estrada
Todos jogavam um bolão.

A nossa pobre bola
Carepenta, velha e feia,
Nunca era de sola
Sempre era de meia,
A mamãe comandava,
E não usava de peia,
A meninada brincava
E saracoteava na areia.



Brincávamos então de luta,
Arranca toco e queimada,
Tinha também muita fruta
Prá alimentar a piazada,
A velha porca, astuta,
Roncava num som bagual
E a galinhada ciscava
Embaixo do taquaral.

A sombra do arvoredo
Vovô prendia o alazão,
Jogava o corpo num banco
E sorvia o chimarrão,
No murro, caiado, branco,
Ao anoitecer no verão,
Caçávamos pirilampo
Ao som de guapo violão.

É minha felicidade
Os recuerdos de meu ninho,
O sorriso dos de idade
Só me fazendo carinho,
Chega à hora do retorno
Gostaria de ficar lá,
Lá me sinto energizado,
Entusiasmado como um piá.





Legenária vulgaris

Tributo a Cuia

Nos varjedos, nas chapadas,
Nas coxilhas onduladas,
Até na beira da estrada,
Como noiva enfeitada,
Cresce uma planta buenaça
De flor branca aveludada
Cuia, legenária ou cabaça.

Tratada e elaborada
Por capacitado artesão,
Fica polida, arrumada,
Em forma de coração
De bocal toda prateada,
Passaras de mão em mão,
Pronta para o chimarrão

Com este jeito de flor,
Andas no pago sem mágoa
És boia para o nadador
E continente, pra água,
Envolves bebidas - guapa:
Mate-amargo; tererê;
Apojo; cachaça e graspa.



Em cantoria envolvente,
No redondo de teu ventre
Trazes água da vertente,
É também o continente,
Pro feijão, angu e azeite,
Neste processo obediente
Faz a coalhada do leite.

A ciência nos informa:
Nada se cria nada se perde,
Tudo se transforma,
Quando chegar minha hora
E o clarim anunciar,
Que é tempo de ir embora,
O chão vou fertilizar.

Serei então hospedeiro,
Em eterna aleluia,
Prum pé de porangueiro,
Transformando-me em cuia,
Repousarei bem trigueiro
Em fragrância de açucena,
Em mãos de bela morena.



Erva Mate... Chimarrão

Tens nome - tens sobrenome,
Vens de família afamada
É *Ilex paraguariensis*,
No Bosque és consagrada.

Por tua fama, por teu nome,
Foste muito pesquisada,
O Gaúcho te consome
De tarde e de madrugada.

És colhida com amor
Nas coxilhas do Riogrande,
Sepé tirava o vigor,
Do amargo de teu sangue.

É Sagrada tua aura,
No balcão da pulperia,
Alimentas china e taura,
Na forma quente ou fria.

No ritual galponeiro
Ao chiru és lenitivo,
Teu sabor e o teu cheiro,
Tem algo de primitivo.



A cuia é tua vasilha
A bomba teu sorvedor,
Tua seiva verde, fervilha,
O topete é tua flor.

Junto ao fogo de chão
E a chaleira sem idade,
Tu passas de mão em mão
Semeando hospitalidade.

Ao encerrar esta lenda
Da qual foi o motivo,
Fica a saudade da Prenda
No chimarrão de estrivo.



Chaleira sem idade

Vi hoje a chaleira preta,
Que já falei sem idade,
Cheia de flores, violeta,
Em um balcão da cidade.

Quem te viu velha chaleira!
Sempre bela e preciosa,
Transformada em floreira,
Pra agradar dama vaidosa.

A dona que cuida dela,
Não sabe não tem memória,
Conto então com pouca trela,
A sua inigualável história.

A chaleira que vos falo,
Foi marcada com arrojo,
Tem a figura de um galo,
Ao pé do bico, no bojo.

Por esta gravura de macho,
Conheci-a num repente,
Tinha aquele belo penacho,
Gravado em minha mente.



Herança de família,
Vistosa cheia de graça,
Fazias parte da mobília,
Tens raiz em nossa raça.

Acompanhou meu avô,
Índio calmo, pouco afoito,
Comprou-a meu tetravô,
Lá no século dezoito.

Esta preta se extraviou,
Numa de tantas mudanças,
Meu coração amarelou,
Tristes ficaram as crianças.

A tampa arte em ferro,
Desenhada em borboletas,
Vai voltar tapar tua boca,
Desatravancando as gavetas.

Andaste como os ventos,
Por querências, por rincões,
Na carreta presa em tentos,
Na paz, nas revoluções.

Das bulhas e dos combates,
Herdou uma alça rala,
Depois de tanto embate,
Tem riscos e lanhas de bala.



Merecias mil medalhas,
Pelo que fez em tua trilha,
Sentiu o calor das peleias,
No Paraguai na Farroupilha.

Na paz de minha guarida,
Foste sempre servideira,
Aquecias água pra lida,
E leite pra mamadeira.

Nas noites de lichiguana,
Na trempe, em fogo de chão,
Borbulhavas soberana,
Espumando o chimarão.

Cometi grave desatino,
Mas quem sabe faz à hora,
Floreira não é teu destino,
Vem comigo, vamo embora.

As flores vou transplantar,
Pois não firo a natureza,
Com cinzas vou te lavar,
Restituindo tua beleza.

Vamo embora, sem demora,
Pois teu lugar é sagrado,
Viveremos como outrora,
Ficaras junto ao meu lado.





Lanças de Guamirim

-Te achega pra cá João!
Foi boa a tua chegada,
Vem para o pé do fogão,
Traz o mocho da latada,
Tô aprontando o chimarrão,
A água já tá aquecida.

-Vim na égua estradeira,
Acordei-me com o clarim,
Passei mata e capoeira,
Fale compadre pra mim,
Gosto da boa madeira,
Me conte do Guamirim.

-Tchê, é fato não é ciência,
Não posso ficar calado,
Olho pra esta querência,
E vejo tudo alterado,
Miro o futuro assustado,
Já saudoso do passado.

Hoje, tá tudo mudado!
E o que é bom acabado!
Onde está o boi Pintado,
O Brazino e o Colorado?
A junta de boi já era,
Só o trator lavra a terra.



Às vezes me dá um estalo,
De registrar numa foto,
Pois a tropilha, o cavalo,
Foram trocados por moto,
Não temos mais cavaleiros,
Só o ronco de motoqueiros.

Eu não aceito a derrota,
E minha opinião não muda,
Pra mau olhado e batota,
Na orelha levo arruda,
Trocaram bombacha e bota,
Por tênis, jeans e bermuda.

O curandeirismo campeiro,
A medicina arrasou,
Guaco, Poejo e Sabugueiro,
Lá no passado ficou,
Já não se benze cobreiro,
De moleque, piá arteiro.

A prosa está uma lindeza,
Mas vieste por outro fim,
Falaste-me com franqueza,
E perguntas-te para mim,
Da qualidade e beleza,
Que atende por Guamirim.

Respondo-te porque sei,
No Rio Grande, adornado,
Dentre as madeiras de lei,
O Guamirim é aclamado,
Foi companheiro de luxo
Pra muito cuera Gaúcho.



Veja só, em noventa e três,
O passado é nossa escola,
Foi arrojo e destemor,
Na Revolução da Degola,
Foi vencido e vencedor,
Ombreando com o peleador,

Guerreiros de confiança,
Uma lança e seu embalo,
Na ordem de quem avança,
Infante ou a cavalo,
E o Guamirim em sua dança
Peleando e tirando o talo.

Mas os dias de heroísmo,
Como tudo foi passando,
Chegou o modernismo,
Que tudo vai acabando,
E a lança de Guamirim,
Em museu teve seu fim.

Em tempos de harmonia,
É pacífico como um regato,
Mas mantém sua valentia,
E sua fama lá no mato,
Balança com a ventania,
Saudoso dos maragatos.





Lenço encarnado

Tributo a Alcides Gosch

De minha janela florida
Aonde vou curtindo a vida
Descortino a avenida
E a Andradas do Boqueirão
Seja manhã iluminada
Ou seja, tarde abafada,
Sobe ele pela estrada
Até a esquina encantada.

Encosta no murro caiado
Cachorro ao pé deitado,
Menino preso na mão
-E este guri Alcides?
-Meu neto, filho do João,
O menino pipoqueando,
O cão atento, rosnando,
E o lenço esvoaçando.



Naquela esquina, com dano,
Em dia de sol ou chuva,
Faz curva o minuano,
Bamboleando tudo em fim
Lenço vermelho ao pescoço,
Em pilchas simples de brim,
Bombeava sem alvoroço
Contando histórias pra mim.

As prosas eram de então
Como só um velho conta,
Histórias de assombração
Que a tradição nos reponta,
Causos de revolução,
De cavalos, de remonta,
-E o sangue derramado?
-Por esse lenço encarnado.

Relatava outra vez,
Nas prosas ele embalava
Noventa e três, vinte e três,
O nó maragato ajustava,
Num jeitão bem trigueiro,
E falava, sem gabola,
Do bombeiro do lanceiro,
Das peleias das degolas.



Contos de um realismo,
Que do clarim se ouvia o toque,
O cão as pulgas coçava,
E o piá arrumava o bodoque,
O velho olhava... Argumentava,
E afirmava sem retoque,
O povo ao redor cochichava,
Mas não perdia o enfoque.

O gaioteiro se aproximava
O padeiro só bispava,
O pipoqueiro estacava,
E o sorrateiro observava,
A bela mulher religiosa
Que todo o dia rezava
Beirava elegante e cheirosa,
Entusiasmada ela escutava.

-Este lenço, roto, encarnado,
Testemunha da chucra história,
É uma bandeira remota,
Conta soberbas vitórias,
Também sofridas derrotas,
Nas voltas que a vida atalha,
Em pia foi minha coberta,
Vai me servir de mortalha.



A conversa continuava
Sempre com animação
Um crioulo preparava
E oferecia o chimarrão,
Quando o sol se deitava
Chamava o filho do João
O amarelinho tragava,
Sumia no Boqueirão.

A esquina da minha infância
Do florido, de meu canto,
Que tanto olhei em criança
Perdeu todo seu encanto
Quando ele fez a passagem
Que o Pai grande nos destina,
Seguiu ele então em viagem...
Deixando um vazio na esquina.



*Mágico broche
(Fivela de prata)*

Dos recuerdos da família
Tenho muito orgulho dela
Pois recebi de herança
Bonita e prateada fivela.

Relíquia familiar
Cruzou campo e cidade,
Enegrecida e argenta
Riscada pela idade.

Prendes o couro curtido
Em tua presilha arteira
De pelica ou de vaqueta
É rude jóia campeira.

Atravessaste os séculos
Em muita cintura taca
Sentiu a fumaça negra
Da buena luta Farrapa.



Chegou a noventa e três
Das peleias ouvindo prosa,
Fazia parte das pilchas
De Francisco Antunes da Rosa.

Acompanhou os entreveros
Lançãos, tiros - desacatos,
Na Batalha de Valinhos
Chorou com os Maragatos.

Na poeira e nas tropilhas
Como se fosse um broche
Manteve-se na família
Com Alcides da Rosa Gosch.

No cinturão do pedreiro
Da natureza sentiu o cheiro
Atravessastes potreiros
No lombo de parelheiros.

Quando chegou vinte e três
Continuou a sua saga
Na cintura de vovô
Alojou pistola e adaga.



Em rinhas de galo,
Na cancha reta - na bocha,
Tinhas o orgulho de guacha
Brilhando sobre a bombacha.

A vida é pequena viagem
Vai embora o peleador
Vai também quem tem coragem,
Fez o maragato a passagem.

Foi embora o velho Gosch
Meigo mimo ao Testa Azul,
Ficou linda na cintura
Do meu padrinho Raul.

Teve então alegre sina
Na farra foi cinturão
Ralou umbigo de chinas,
Apalpou belas meninas.

Em festas de cola atada
De potras foste à cela,
Ficou toda engraxada
Na gordura de costelas.



Foi-se embora o caborteiro
Choraram as tiangas o Gosch,
Deixando pra mim de herança
Aquele mágico broche.

Hoje é minha companheira
Te manuseio encantado,
Não está mais preza ao couro
Mas as glórias do passado.

É orgulho da família
Tua história eu completo,
Guardar-te-ei em presilha
Será lembrança a meu neto.



Banco

Esta noite em devaneio,
Um sonho para ser franco,
Fazia eu um passeio,
Vestido todo de branco,
Do povo eu fiquei no meio,
Sentado em um velho banco.

O banco era sombreado,
Por gigante gameleira,
Em azul velho pintado,
De Guajuvira a madeira,
Tinha desenho estriado,
A construção era arteira.

Ao redor daquele assento
Tinha um jardim bem florido
Descansava ali sonolento:
O Juiz, o Padre e o bandido;
O idoso trêmulo e lento,
A mãe, os filhos e o marido.

Nos galhos em algazarra
Num ajuntamento de ninhos
Propiciando grande farra,
Cantavam os passarinhos,
Cantava também cigarra
Em mágico som de guitarra.



Nas pilchas, um gaúchão,
Com a prenda se abancava,
Pegava o fumo, amarelão,
E devagarito picava,
Servia um chimarrão,
Contava histórias e fumava.

Nesta sombra saborosa,
Via-se a vida passar,
Passava a criança viçosa,
Já apreendendo a falar
Passava à senhora idosa,
Que ia à igreja rezar.

Passava o moço aprumado,
O ricaço, o preto e o branco,
Um casal, idoso enlaçado,
Mãos dadas, sorriso franco,
Passava o trabalhador suado,
E o mendigo, velho e manco.

Foi um sonho iluminado,
Não sei se estava dormindo,
Não sei se estava acordado,
Achevou-se um luar lindo,
A jovem beija o namorado,
E o povo... Indo e vindo.



Mocho de três pernas

Nunca foi estudado,
Seu uso não foi pesquisado,
Logo, não é validado,
Mas na vida verdadeira
E na experiência campeira,
Se quiser sentir conforto
Se não queres ficar torto
Nem sofrendo das cadeiras,
Use o mocho de três pernas
Que equilibra e não aderna.

Este mocho de então
Cheio de simplicidade,
Uso sempre no galpão
Não dispenso na cidade,
Nas festas e nas tabernas,
Pois supera em segurança
O banco de quatro pernas,
É assento de confiança,
Em sua forma de cocho,
É mui vistoso este mocho.



Um mocho desta versão,
Tem mais de mil serventias,
Na roda de chimarrão,
No chá das cinco das tias,
No churrasco de varão
No namoro das gurias,
Por toda esta variedade,
Pertence a nossa cultura
Senta-se nele o de idade
Pra curtir sua leitura.

Esta estranha cadeira
Acha-se em qualquer feira,
Dependendo da algibeira
Escolhe-se a madeira,
Pra gaúcho bom de pila
Cedro, Louro ou Guajuvira,
Já o povo do norte
Que cultua o Curupira
Usa madeira de porte
Jatobá, Baru e Sucupira.

O mocho tem seus chamegos,
Para ela, em seu sossego,
Cubro esta peça de apego
Com um curtido pelego,
A princesa de mi vida
Sempre eternamente bela,
Sonhadora e querida,
Com a elegância que é dela,
Curte em riba das três pernas
Chá, chocolate e novela.



Mala de garupa

Me alembro... Eu era guri,
Seguia por longa estrada,
Minha égua, alazão rubi,
A mula cargueira - rosada.

Papai seguia trigueiro,
Num rosilho prateado,
Um pingo leve e ligeiro,
Cavalo bueno e atentado.

O nosso destino era vago,
Queríamos ver o mundo,
Conhecer de perto o pago,
Com alma de vagabundo.

O trecho era de poeira,
Terras para agricultura,
Pasto, mato e capoeira,
Paisagem tal qual pintura.

Na garupa, sem defeito,
Feita em saco de farinha,
Uma mala, que ao direito,
Tinha tudo pra cozinha.



Tinha arroz, tinha feijão,
Toicinho para fritura,
Erva para o chimarrão,
Charque, canha e rapadura.

Enfrentávamos a estrada,
Em profunda gratidão,
Se livre era a jornada,
Tinha também meditação.

Gratidão pela beleza,
De uma natureza em festa,
Meditávamos em profundidade,
O que a vida nos oferta.

Concluímos sem demora,
Reconhecemos então,
Que a simplicidade vigora,
No sopro da criação.

A beleza é água singela,
A felicidade também,
O simples as fazem bela,
E não se mede em vintém.

Belo é o sol ao amanhecer,
Aurora que desabrocha,
Belo é o ato de nascer,
A chuva que molha a rocha,



Bela é à flor do sarraceno,
Bela é a brisa e a garoa,
Guapo é o olhar sereno,
E o luar sobre a lagoa.

Belo é o homem de palavra,
Que trabalha com bravura,
Bela é a terra que se lavra,
Provendo-nos de fartura.

Aprendemos esta lição,
Observando a natureza,
A paz da meditação,
Mostrou-nos tanta beleza.

No meio da caminhada,
Tomamos a decisão,
Na mala foi desenhada,
A marca do coração.

Quem abria o lado esquerdo,
Ficava pasmo, encantado,
Em cores de primavera,
Tava ali tudo guardado.

Esperança, amizade,
Paz, ternura e perdão,
Silêncio, sonho e bondade,
E meigas gotas de oração.



Foi ficando cheia a mala,
Com tudo que aprendemos,
A vida é sempre bela,
Não importa o que fazemos.

Me alembro, eu era guri,
Tempo de grandes façanhas,
Da mala, o esquerdo tá aqui,
Gravado em minhas entranhas.



① *Cão e a vaca*

Levantamos juntos,
Eu e o sol,
Ele, vermelho – dourado,
Com rabiscos azuis, prateado,
Eu, meio amarelado,
Sentindo o corpo enfebrado,
Com meu jeito despojado,
Olhei-me de relancina,
Isto é saudade de china,
Vou-me embora pro povoado.

Dei de mão na minha cela
Enfrenei o Pode Ser,
Chuleou-me ele de esguela,
Entendeu meu padecer,
Segui o rumo do Sol
Que dorme lá na lagoa,
Colorindo em braseiro
A água pura do lajedo,
Confirmando pro arteiro,
A casa do chinaredo.



Depois de longa jornada
Cheguei à terra dos “home”,
Empoeirado e com fome,
Nesta hora um índio macho
Pra traz joga o barbicacho
Quer banho, cachaça e bóia,
Cheguei à praça carente,
E encontrei num de repente
Um local cheio de gente,
Toca do Cachorro Quente.

Vi estrelas no poente
Cardápio preso na mão,
Pedi uma bebida quente
Sentei-me todo pimpão,
Passei na melena o pente
Fantasiando minha missão,
Chamei prum lado o garçom
Cara inchada, dor de dente,
Prá matar a minha fome
Um trio de cachorro quente.

O cão tinha seu mistério,
Com fome pedi urgência
Para o garçom Desidério,
Que me trouxe com ciência,
Um X tudo e dois gaudério,
Fiquei na exclamação,
Olhando praquele fiambre
Gaudério de tradição,
Pão com tiras de matambre.
E revirado de feijão.



Foi um estouro na Toca,
Cachorros e muita Coca,
Formou-se uma maçaroca
Fiquei meio barrigudo,
E o Pode Ser no arvoredado
Bombeava-me carrancudo
E, eu lambendo o dedo,
Matutando o que fazer,
Lembrava-me do chinaredo,
Pensava em meu bem querer

Sai contra o lusco-fusco
Pra fazer a digestão,
Traçar três cuscos
Prenunciam congestão,
Neste meu sólito andar
Encontrei belo lugar:
Perfumado – refrescado,
Só no ar condicionado,
Refrigério pra patrão
Cheguei-me ali então.

Sorvete de Rum e bombom
Ali não tinha garçom,
Que bispa e não atende,
Mas uma guria - lindaça,
Bronzeada, com olho verde,
Fiz então a minha graça
Olhando aquela pequena
Pedi e não fiz careta,
Traz-me linda morena
Essa tal de vaca preta.



E, Puxa! Não faço prosa,
No encontro de cão e vaca,
Foi tremenda a rebordosa,
Agora minha barriga
Ecoava uma cantiga,
Pisquei para a rapariga
É minha hora eu saio
Decidi o que fazer
Cheguei a espora no baio,
Mandei-me no Pode Ser.

Num capão bem amoitado,
Vi a lua entrar
Caminhei desolado
Até a aurora chegar
Ao longe, ouço o som,
Na casa da senhorita,
Que usa perfume e batom,
Fica cheirosa e bonita,
A barriga reclamava,
E o Pode Ser... Só pastava.

Surge o dia em aquarela
Eu, desacorçoado, descrente,
Numa tristeza amarela,
Queria um chima bem quente
Chá de carqueja ou marcela
E os carinhos da bela,
Mas já chega de desgraça!
Seguirei estrada a fora
Encilhei o bom de raça
Dei um pinote e fui embora.



Só volto à casa da prenda!
Quando estiver consertado,
Levarei uma oferenda
Um regalo apumado,
Em cores de borboleta
Bonito, bem perfumado,
Com minha égua Roseta
Chego rápido – sem treta
Mas nunca mais me aprocho
De cão quente e Vaca Preta.





Matungo

Quando clareou o dia,
Logo me deu um estalo,
Naquela hora mais fria,
Ouvindo o canto do galo,
De escrever uma poesia,
Falando de um cavalo.

Já tive muitos cavalos,
Tobiano, Baio, alazão,
Neles dei muitos pealos,
Neste não tive a ilusão,
O cavalo que vos falo,
Chegou-me de supetão.

Chegou ele entreverado,
No meio de uma vacada,
Com olhar desconfiado,
Rinchava e dava patada,
Um matungo assombrado,
A peãozada em gargalhada.



Troncho de uma orelha,
Sugada por carrapato,
Lanhada estava a cernelha,
Por espinhos lá do mato,
Por estas coisas da telha,
Resolvi lhe dar um trato.

Terminado o rasqueado,
Dei-me conta da judiaria,
Tinha marcas o coitado,
Qual porta de ferraria,
Um olho tava vazado,
Foi grande a selvageria.

Continuando em minha lida,
Os cascos foram aparados,
Tinha agora ele guarida,
A crina e o rabo trançados,
Para reanimar sua vida,
No cocho ele foi milhado.

Loguito foi engordando,
Foi ficando refreado,
O pelo foi só brilhando,
E logo estava amansado,
Ao povo foi agradando,
Tava o matungo ajeitado.



Pra serenar a aparência,
Já que ele era caolho,
Para cobrir a violência,
Eu lhe fiz um tapa olho,
Melhorando a convivência,
Mitigando o olhar zarolho.

Então o cavalo aparecido,
De vida pobre, ingrata,
Ganhou logo um apelido,
Com a alcunha de Pirata,
Isso faz muito sentido,
Em nossa vida pacata.

Ele é muito carismático,
É um cavalo camarada,
Chega até a ser simpático,
Empanado a gurizada,
Por ser feio e sistemático,
Provoca muita risada.

Em algumas madrugadas,
Matungo e eu no capricho,
Saímos rodando estrada,
Para um trago num bolicho,
Fazemos depois gauchadas,
Na porta de meu cambicho.



Quando a coisa ai bem,
Veja só que vida ingrata!
Apareceu um Zé ninguém,
Querendo compra o Pirata,
Para mata-lo logo, além,
Oferecendo-me uma prata.

Plata pouca, pila minguado,
Pirata não está à venda,
Fica junto em meu costado,
É relíquia em minha vivenda,
Ele é livre, é bem tratado,
Alegrando minha fazenda.



Buenas-tardes

Profetizaram os Pagés
Alertou o vento Aragano,
Veio primeiro o homem branco
Depois veio o africano,
Homens de estilo franco,
Que gauderariam com luxo
Nasceu no pago o Gaúcho.

Brotou uma raça - um povo:
Do Guarani do Castelhana,
Do Português do Angolano,
Nesta mistura caldeada
A tempera foi forjada,
No calor de muita ação
Em guerra e revolução.

Surgiu um taura amistoso
Peleador e corajoso,
Como a luz que vem da aurora,
Tudo isso são heranças
Da vida dura de outrora
Quando defenderam este chão
Com espada, lança e facão.



Nos volteios desta vida
Com muita dignidade,
No sol na chuva na lida
Ombream a liberdade,
Mas como qualquer varão
Com asas no coração,
Campeavam a diversão.

No verão quando o sol arde,
Carreiras, jogo de osso,
Nas primaveras à tarde
Entrevero de china e grosso
Peleias com muito alarde
Assinalando, paisanos,
Com a marca, Buenas-Tardes.

Aos gritos, refregas - clamores,
Carimbaram-se muitos cueras,
Por desavenças - desamores
Nos bolichos - nas taperas,
Em cachaçadas e farra,
Marcando pra todo e sempre
O desafeto na cara.

Conto pra quem é guasca
Afirmo no meu feitio,
Buenas é um talho que lasca
De punhal, adaga ou chavasca,
Feros que cantam num pio,
Daqueles que acaba a faca
Mas nunca acaba o fio.



De Netos e Sonhos

Se há alegria pra gente,
É curtir a gurizada,
Ao fechar o dia quente,
Papear com a netaiada,
Não importa o ambiente,
A turma fica grelada,
A conversa é envolvente
A atriz é uma fada,
A história é atraente
E todo acaba em risada.

No sossego dos pelegos,
Sorvo a doce infusão,
A vovó frita bolinho,
Eu acendo o lampião,
Os pássaros buscam o ninho,
Meus netos sentam no chão,
Num ambiente de carinho,
Os prendo em meu coração,
Espiondo aqueles rostinhos,
Que só pensam em diversão.



A noite cheira a marcela
Estrelada em sua beleza,
Num frescor que é só dela
Se expressa a natureza,
Em sua forma mais singela
A mais bela, a mais amada,
Serena é a criança
Em sua cama deitada,
Qual anjo em segurança
É a paz iluminada.

Os versos que acima traço
Pra você ouvir e ler,
Me da na vida compasso
Vem do fundo de meu ser,
Neles uso o abraço
Para os netos proteger,
Envolve-os neste laço
Na hora de acalantar,
Deixo um pequeno espaço,
Para os bons sonhos entrar.



De sereias e botos

O rastro serpenteava
Sobre a brancura da areia,
O Araguaia ondulava,
Será mulher? Será sereia?

Eu que a tudo olhava,
Tinha certeza na veia,
Quem a paisagem enfeitava,
Era mulher, era sereia.

Sob aquele céu em lume,
Acompanhava as pegadas,
Sentindo no ar o perfume,
Gaivotas em revoada.

Muita gente, um cardume,
Segui a minha andada,
O ribeirinho em seu costume,
Caçoava e dava risada.

Nesta branca passarela,
Seguindo sua jornada,
Desfila a magricela,
Nos volteios da enseada.



Miro a bela adornada,
Marchando na mesma raia,
Piso na onda rendada,
Que dança beijando a praia.

Beirando o manancial
Ela faz seu estirão,
Num biquíni magistral,
E canga verde-limão.

Um cravo em sua frente,
Boné disposto na mão,
Desapareceu no horizonte
Seguindo sua direção.

O sol queima o grande rio,
Em cores avermelhada,
Num galho, grande bugio,
Berra forte sua toada.

A coruja toda cismada,
Observa-me admirada,
No beiral, daquela aguada,
Jogo firme minha linhada.

Percebo então no caminho,
Pertinho quase ao meu lado,
Como se fosse um vizinho,
Aquele corpo torneado.



Com belos olhos marinhos,
Cabelo negro enfeitado,
Chegou-se devagarzinho,
Postou-se no meu costado.

Fogueiras em brilho roto,
Homenageiam São João,
Achegou-se então um boto,
Jeitoso como um ladrão.

Guinchando cheio de prosa,
Exibindo pra vaidosa,
Sua narina vistosa,
Toda lisa, cor de rosa.

Levantou-se a linda gata
Como num encantamento,
Sob a lua cor de prata,
Foi entrando rio adentro.

O boto em sua tocaia,
Como tecendo uma teia,
Mergulhou no Araguaia,
Abraçado em sua Sereia.





Lembranças

(Campos de Soledade)

Quando conjugo o lembrar,
Concretizo uma lembrança,
Gosto muito de viajar,
No potro branco, Esperança.

Estou sempre ajustado,
Com a luz do pensamento,
Chego logo ao passado,
Com a velocidade do vento.

Nesta minha andadura,
Cada dia é um paradeiro,
Sigo minha aventura,
No lombo do parselheiro.

Cruzo água, mata, potreiro,
Lavoura, vila e cidade,
Chego rápido – ligeiro,
Aos campos de Soledade.



Galopo minha montaria,
Sob a luz dos pirilampos,
Corro contra a ventania,
Pisando naqueles campos.

De pasto rico formado,
O meu destino eu sabia,
Era um rancho esfumaçado,
Para bombear a pulperia.

Vi a estrela se acender,
Nesta bruta correria,
Via a coruja emudecer,
Ao se anunciar o dia.

A passarada acordou,
Impondo sua sinfonia,
Um vibrante dia raiou,
Nas cercas da pulperia.

O rancho era em pinho
Antigo – amarelado,
Lá me cheguei sozinho
Não viajo acompanhado.

Naquela bodega chucra,
Encontrava-se o que queria,
Cachaça, fumo e verdura,
Também tinha barbearia.



Insumos pra agricultura
Produtos de padaria,
Erva mate, rapadura,
Querosene e chimia.

Num canto, fosco ensebado,
Num estrado arredondado,
Em cima de um verde oleado,
Sempre corria um carteadado.

Nos fundos em velha choça,
Se junta um povo animado,
Rinha, tava, trova e bocha,
Tinha sempre um jogo atado.

Na entrada do terreiro,
Tinha dois nomes anunciados:
Chiquinho o seu Barbeiro;
Dornelles - Secos e Molhados.

Este volteio abençoado,
Ao alto deste platô,
Levou-me ao passado,
Visitei meu velho avô,





Algodão Doce

Flutuas como crianças,
Em cores de beija flor
Leve, meigo tu balanças,
Suave é o teu sabor
O perfume que tu lanças,
Adoça o ar, em vapor.

Tua charmosa linhagem
Tem histórias que exala,
Trazes na tua bagagem
Recordações da senzala,
Com trejeitos de plumagem,
Ao frescor da brisa embala

Delicado filho do açúcar
Da garapa em espuma,
É delicado manjar
Num meigo jeito de pluma,
Fofa como as nuvens,
Rendado como a espuma



Parente da rapadura
Primo irmão do melado,
Adoça a boca, com brandura,
Da moça e do namorado
Naquele sabor de aventura,
Beijando e abraçado.

É neve que se desmancha
No calor quente do beijo,
É o arco-íris multicolor,
A natureza em lampejo,
Na boca de meu amor
Assanha o meu desejo.

Mágico são os devaneios
No frescor da minha tenda,
Cruzo as madrugadas
Em sonhos de espuma e renda,
O mar nos olhos da amada,
São doces, os lábios da prenda.



Circo

Fui chegando pelo rastro,
Pelo som do bate estaca,
Vendo ao longe o mastro,
Da colorida barraca,
A serragem era o lastro,
O palhaço, o grande astro,
Desfilava com a macaca.

O simpático elefante,
Num jeitão de professor,
Com seu corpo possante
E seu olhar sonhador,
Junto à girafa elegante,
De pelagem multicolor,
Seguíam o domador.

O mágico todo gabola,
Desfila fazendo treta,
Tirando de sua cartola,
Pássaros e uma borboleta,
Em gestos e gargalhada,
Jogava em revoada,
Balinhas para a piazada.



Num caminhão colorido,
Atrizes dançam balé,
O povoeiro, protegido,
A sombra do arvoredado,
Da Praça Tamandaré,
Chegou logo o chinaredo,
Aplaudindo e batendo o pé.

O macaco zombeteiro,
Pulava e fazia pirraça,
Um transeunte faceiro,
Goleava uma cachaça,
A bailarina com graça,
Bailava em um tabuado,
Corpo belo – torneado.

Quando o sol foi apagado,
Estrelas vieram em rastilho,
Abriu-se o pano encarnado,
Num espetáculo de brilho,
E o povo todo enfeitado,
Naquele mundo encantado,
Povoado por pai e filho.

O mestre anunciador,
Entra logo em ação,
Com seu elegante porte,
Anuncia a atração,
E que todos tenham sorte,
Do palhaço Cabeção,
Até o globo da morte.



A função é envolvente,
Luz em raio multicolor,
Tudo é muito refulgente,
Tudo é feito com calor,
Até um anão sorridente,
Corre pro lado da gente,
Atirando rosa em flor.

Desfilam os cavalos,
Domador, urso e leão,
No balanço o trapezista,
Provoca admiração,
No arame o equilibrista,
E o palhaço malabarista,
Geram riso e confusão.

O espetáculo se finda,
Ao som de feiticeiro bolero,
A multidão leve, ainda,
Carrega um sorriso sincero,
Naquela alegria de criança,
Que nos recorda a infância,
Aonde a tristeza era zero.





Jitrina

Não importa o endereço,
Vai-se só ou em romaria,
Não sei ao certo o começo,
Pois apreendi com a guria,
Ver roupas e adereços,
Cobrindo maneca fria.

Caixa de vidro com aura
Espelhada e com cortina,
Mostra pilcha para o taura,
Nylon e seda pra menina,
Com valores de Isaura,
Mulher gosta desta sina.

O perfume de qualidade,
Deixa a prenda cheirosa,
Tudo ali é suavidade,
O que agrada a vaidosa,
Há um ar de futilidade
Que deixa mulher curiosa.



Nesta arca esquisita
Cria-se o bem e o mal,
Atrai a moça bonita
Com vestido celestial,
Ali a amadora faz fita,
Circula a profissional.

É um tal de ir e vir,
Umas falam em terapia,
É o bom gosto a florir,
E fêmeas em euforia,
Elegante é bem vestir,
É a moda em sua tirania.

Esta arapuça tão chique,
Tudo tem pra enganar,
Deixa o povo num chilique,
Com sonhos de ali comprar,
Comprometem até a psique,
Suam sangue para pagar.



Velho armário

Meu armário vai embora,
Vai embora conservado,
Foi comprado em boa hora,
Foi comprado no mercado.

Torneado na cor preta,
Sempre foi admirado,
Duas portas, três gavetas,
Em estilo rebuscado.

Este armário tem história,
Do que foi vivenciado,
Tá comigo e minha senhora,
Desde quando tô casado.

Ele guarda todo atento,
Recordações do passado,
Fotos de meu casamento,
Do namoro e do noivado.



Depositamos sempre nele,
Expectativas e esperanças,
Arrumamos dentro dele,
As roupinhas das crianças.

Numa porta meu senhor,
Eu conservava com carinho,
Canha, uísque, graspa e licor,
Chocolate, queijo e vinho.

Na outra, fotos do escrete,
Do meu tempo juvenil,
Minhas fitas em cassete,
E meus discos de vinil.

Vai embora, triste fico,
Vai embora sem razão,
É melhor calar o bico,
Ou arrumo confusão.

Em nome da modernice,
Querem lhe substituir,
Não passa de macaquice,
Não tem jeito vais partir.

Fica em meu peito saudade,
Do amigo que se evade,
Choro por nossa amizade,
Até pedi por piedade.



Argumentei com a “chefe”,
Exaltei tua velha idade,
Ela quer fórmica - MDF,
Ela quer modernidade.

Vai embora meu irmão,
Exponha tua qualidade,
Ver-te-ei em algum pregão,
Lá no centro da cidade.





Velho

Quando nasci lá no Pago,
Naquele ambiente rural,
Se meu futuro era vago
A alegria era geral,
Pra combater a geada
Que arreventava o chão,
Uma talagada, um trago,
Na chapa quente, pinhão.

Rosto vincado, enrugado,
Com jeitinho vacilante
Só carinho, apaixonado,
Amor puro – rutilante,
Logo fui consagrado,
Tornei-me um navegante,
O tempo... Compassado,
Envelhece meu semblante.

No embalo de andar
Como folha revoada,
Eu me deixei levar
Iniciei a caminhada,
Rio abaixo a navegar,
E o vento a sussurrar
Vá simples nesta jangada!
É teu tempo de brincar!



O tempo foi passando
O rio virou turbilhão,
Adolescência chegando
Hormônios em profusão,
Eu queria envelhecer
Para os adultos, imitar,
Prendendo, prendas no olhar,
E na bailanta dançar.

Na correnteza do rio
Eu completei o meu viço
Logo eu tava casado,
Filhos, netos, compromisso,
Agora eu tava mudado,
Comecei até a orar
Eu que queira ser velho,
Passei a idade negar.

Sou folha velha - puída,
A água se acalmou,
Mudei a visão da vida
Meu ser se pacificou
Navego em lago sereno,
Pra mocidade eu aceno
Sou velho, sigo na lida,
Sou velho, sinto-me pleno.



Nas noites de primavera
Sob céu todo estrelado,
Rumino a velha experiência
Remôo o meu passado,
Cultivo a convivência
Exercito esta atitude
Desprezo à impaciência
Mas sonho com a juventude.

A cada amanhecer
Imponho minha rebeldia,
Nas manhãs para espairecer
Frequento academia,
Não posso ficar parado
Aceitando o envelhecer,
O meu corpo é bem cuidado
Meu cérebro bem azeitado.

Um velho independente
Preserva a liberdade,
Curte muito a família
E os laços de amizade,
Lê tudo, não é uma ilha,
É moderno sem problema
Persegue a felicidade,
Adora praia e cinema.



Não tenhamos ansiedade,
Quem sabe tem o poder,
Aceitamos a idade
Em cada alvorecer,
Com paz - fraternidade
Não temos o que temer,
Fé, ternura e humildade,
E a magia de viver.

A poesia! Encerrou,
Leve e clara como a espuma
O Rui de Mello me inspirou,
Vão meus respeitos a UMA*,
Inspiradora de velhos,
Tirando-os da bruma,
Em idosos diferenciados,
Ativos e iluminados.

* UMA – Universidade da Maturidade
UFT - Palmas -TO



Uma rede

De um lado uma mangueira,
Do outro uma goiabeira,
Naquela sombra em fenda
Enlaçada na madeira,
Num recanto do sertão,
Trabalhada toda em renda,
Uma rede de algodão.

O vulto ali deitado,
Naquela sombreada ilha,
Com o corpo torneado
Arredondada em coxilha,
Tem o perfume da flor,
O gaúcho a chama de china,
Eu a chamo de amor.

O sol deita esparramado,
E o luar vem do nascente
Com nuances de dourado,
Como flores de marcela
Colhidas para presente,
Bambeava eu a mais bela,
Curtindo meu chima quente.



Passarada em sinfonia,
Alegre é meu coração,
No lombo da ventania
Ouço cordas de violão,
O campo é só melodia,
E o Papagaio-charão
Discursa sobre o oitão.

Nos pelegos, espreguiçava,
Preguiça buena a curtir,
O zaino inteiro pastava,
E a cachorrada a latir,
O rancho a luz do candieiro,
E ao pé do velho saleiro,
O Touro baio a mugir.

Toldando aquele momento,
Achegou-se fresca aragem,
As folhas em movimento,
Correm nuvens em viagem,
Escurece o firmamento,
Agita-se a ramagem,
As sombras viram miragens.

Estrelas no céu cintilam,
Como olhos de criança,
Pirilampos à noite brilham,
Festejando esta bonança,
Velo a amada em devoção,
Revolvendo lembranças,
De amores e de paixão.



Amor para amar

Apreendi desde criança
A mulher respeitar,
Numa vida de esperança
Ter muito amor para dar,
Fazer a troca de alianças,
E simplesmente amar.

Comecei a vida assim,
Seguindo um itinerário,
Amei Bea no jardim,
E Vera lá no primário,
Romances de folhetim,
Amei miles no secundário.

Nos namoros fui jeitoso,
Mensagens via poema,
Naquele tempo saudoso,
Namorei prima no cinema,
Cangote macio – perfumoso,
Cheirando a alfazema.



Fui ficando taludaço,
Na cabeça só quimera,
Vagueava pelo espaço,
Em cores de primavera,
Sonhava sem embaraço,
Sozinho ou com a galera.

Usei toda a minha prosa,
Buscando amor para amar.
Dona bela e carinhosa,
Pra meu rancho perfumar,
Uma amante amorosa,
Para meu fogo apagar.

Vi-o na estrela que brilha
No feitiço do luar,
No sossego de uma ilha,
Nas flores pra lhe enfeitar,
Na magia de uma trilha,
Na espuma branca do mar.

Segui a minha jornada,
Atrás do amor para amar,
Como as aves em revoada,
Como as pedras a rolar,
Achei-o em ti minha amada,
Encontrei-me em teu olhar.



Fumaça

Eu que tô bem distante,
Ouço pela ventania,
As notícias são vibrantes,
Vem do Parque da Harmonia.

Como não posso lá estar,
Minha fantasia é fina,
Fico de longe a sonhar,
Com imagens na retina.

Começa com cavalgada,
Festanção grande eu lembro,
A gauchada entreverada,
Salve o Vinte de Setembro.

Lá onde foi minha casa,
A pilcha agora é moda,
Carne buena na brasa,
E canha cruzando a roda.

Na trempe, cambona velha,
Aquece a água pro mate,
Descansa sobre pelegos,
Prenda de lábios escarlate.



Sobre o curtido balcão,
Rude e colorida gamela,
Bala, rapadura e chupão,
E um feixe de marcela.

Juntinho, ali na capela,
Cavaram grande trincheira,
Assam picanha e costela,
Na velha moda campeira.

Na parede rude de pinho,
Retratos de alguns senhores,
Tramadas sobre o caminho,
As bandeiras tricolores.

Junto a flores num terraço,
Dois bigodudos a trovar,
O leguëiro no compasso,
E a oito baixos a roncar.

Um deles junto aos jardins
Violão clássico a dedilhar,
Pra você lá do Tocantins,
Versos eu vou dedicar.

- Guri que foi lá pro norte,
Chegou a hora de voltar,
Te achegue cheio de sorte,
Venha à saudade matar,
Venha comer carne gorda,
Tomar pinga e matear.



Quem de fora tá olhando
E não tem a vida arteira
Fica com cara emburrada
Reclama da fumaceira.

O nevoeiro em fumaça
Da lenha de cambuatã
Vai ao céu cheio de graça
Homenageando Tupã.





Profanada

Quando o céu chorava
Virava uma sanga forte,
Quando a chuva minguava,
Secava quase a morte,
Em curvas se alongava
Do poente para o norte.

Corria naquele mundo,
Banhando a piazzada,
Desaguava no Passo Fundo
Alagando a baixada,
Formando poço profundo,
Traíçoeira, aquela aguada.

Nas margens daquele regato
Aves, flores, capoeiras,
Chorão entremeava o mato
Sombreando a lavadeira,
Na roupa dando um trato
Cantando moda campeira.



Ao pé daqueles chorões,
Já desde a madrugada,
Em seus fortes mourões
Cantava a passarada,
Na ramagem, nos pendões,
Eram bandos em revoava.

Tempo de recordação:
Chimarrão, prosa, leitura,
Tudo era inspiração,
Cultivava-se a cultura,
Por conta da imaginação,
Contos, poesias, pinturas.

A tarde seguia andando,
Voa livre o colibri,
Aparece alguém pescando,
Casudo, sardela, lambari,
João de Barro, saltitando,
Lembranças, eu vou parti.

Parto com a lembrança,
De água clara e mansa,
Do chorão de longa trança,
Da sanga de minha infância,
Que já não estão mais ali,
São paisagens que perdi.



O rio de som cascadeado,
O pássaro verde dourado,
O Peixe sendo sungado,
Lavadeira no tabuado,
O canto sendo cantado,
Já não estão mais ali.

Naquele triste cenário
Que teve água encantada
Onde trilava o canário
É só história passada,
A sanga, poluída e profanada,
Morreu - foi canalizada.





Talismã

A estrada sobe o morro,
E tem a margem florida,
Segue-me um cachorro,
E a mulher de minha vida.

O pássaro busca o ninho,
O morcego busca a flor,
Eu busco o carinho,
Nos olhos de meu amor.

Sopra brisa em lufada,
Querendo ser ventania,
Sobe lua ensanguentada,
É à noite engolindo o dia.

Morre o sol em agonia,
Poente vermelho malva,
Surgem as três Marias,
Repontando a estrela D'alva.

Cai Estrela em revoada,
Rasgando a noite num talho,
Os olhos verdes da amada,
São gotas de puro orvalho.



Os raios daquela estrela,
Instigou-me a meditar,
Extasiei no brilho dela,
Passei a vida festejar.

Iluminei meu olhar,
Com um sorriso nos lábios,
Senti-me livre para andar,
Imitando quem é sábio.

Depois de muito matutar,
Não temo qualquer pecado,
Para o meu amor provar,
Te ofereço um belo agrado.

Na emoção desta hora,
Faço a entrega amanhã,
Antecedendo a aurora,
Verás precioso talismã.

Uma estrela com fulgor,
Bela, clara, efervescente,
Minha bela, meu amor,
Dou-te ela de presente.



Terna Magia

Naquela encruzilhada,
Onde passam caravanas,
Naquela beira de estrada,
Tinha uma tosca cabana,
Com flores e passarada,
Laranja, lima e banana.

No centro um caramanchão,
Em madeiras cinzeladas,
Canjerana e Pau-Alazão,
As flores eram encarnadas,
Quatro metros tinha o vão,
E as entradas cascalhadas.

Nesta estrutura grosseira,
Conservado como um osso,
Com a tampa em madeira,
Tinha um profundo poço,
Água fria de cachoeira,
Cristalina, um colosso.



Móveis de estilo discreto,
Toalha florida em chitão,
Bancos de tarumã preto,
Tosca mesa de taboão,
Lá não pousou arquiteto,
O poço virava balcão.

Nas festas, após a igreja,
Ajuntava-se o povaréu,
Corria carne e cerveja,
Cuca, polenta e pitéu,
E o povo nesta peleja,
Bóia de tirar o chapéu.

A cerveja mergulhada,
Esfriava na cisterna,
A turma na gargalhada,
Numa amizade fraterna,
Ao longe se ouvia a toada,
Como um troar em caverna.

O caramanchão e o poço,
Era um local de descanso,
Para o velho e para moço,
Para o zangado e o manso,
Sesteava-se após o almoço,
Em cadeiras de balanço.

Num recanto bem ao lado,
A sombra de um veludinho,
Em volta de um estrado,
Italianos tomavam vinho,
Jogavam mora e carteadado,
Ao doce som de um pinho.



Três gringos do Sitio Escuro,
Naquela de “pega e flocha”.
Desafiaram os “Pelo Duro”,
O Nego o Jango e o Galocha,
Que aceitaram te asseguro,
Um entrevero de bocha.

As mães no fim da jornada,
Depois de bom tricotear,
Juntavam toda a piazada,
Num banho pra refrescar,
Davam-lhes bela tratada,
Sem parar de conversar.

O céu na cor escarlata,
Anunciava a escuridão,
Chegava a hora do mate,
Preparam o chimarrão!
E pra fazer o rebata,
Cueca virada e pinhão.

Assim a tarde morria,
Nos fundos de meu torrão,
Naquela terna magia,
Sempre ao som do violão,
Domingos de pura alegria,
Leveza em meu coração.





Paz

Dezembro, mês natalino,
De noites iluminadas,
Anda o povo peregrino
Pelas ruas e estradas,
Clamam graças ao Senhor
E das mãos do Pequenino,
Paz, felicidade e amor.

Paz, palavra encantada,
De busca obstinada,
Que faz a fé aflorar,
Velas carregam na palma,
Passam dias a rezar,
Encontramo-la na calma,
E a reconhecemos no olhar

É mão firme apertada,
Abraço forte em doação,
É o sorriso franco da amada,
É amizade é perdão,
É sombra a beira da estrada,
É água que flui perfumada
Da aura e do coração.



A paz é representada
Pelo branco da bandeira
Pelo galho da oliveira,
Por expressões bem maneiras,
Por gestos e em cochichos
“Que a paz esteja contigo”
“Paz e amor, bicho”.

É alva como a neve,
Exigente em confiança
É leve como um ninho
Mas gosta de segurança
Voa como um passarinho
Na leveza do carinho
No sorriso da criança.

A paz é irmã do amor
Límpida, alegre e serena,
Vem das mãos do Criador,
Com ela a existência é plena
Tem a pureza da flor
Da madrugada o frescor,
Na candura da açucena.



Glossário

Regionalismos do Rio Grande do Sul
Algumas plantas dos Biomas
Mata Atlântica e/ou Cerrado



A

Alazão – Cavalo com pelagem alazã tem a cor da canela cuja cor pode variar em sua tonalidade em tons castanho avermelhados.

Aprochegar – Aproximar-se, chegar perto.

Atilho(s) - Tira de pano ou couro que serve para atar, amarrar.

Atordilhado – Cor de tordilho - pelo de cavalo fundo branco encardido, salpicado de pelos escuros e de manchas.

Aragano//Haragano - Qualificativo do cavalo assustadiço, fujão ou difícil de ser domado.

Argenta – Em cor de prata.

Arruda - *Ruta graveolens*.

B

Bagual – Equino selvagem ou não domado, cavalo novo e arisco, reprodutor, animal não castrado, rude, bravo.

Barbicacho – Cordão, cadarço ou trança de couro que prende aos lados do chapéu.

Bichará – lã grosseira utilizada para confeccionar ponchos ou Cobertores, normalmente nas cores branca e preta.

Bispar – Perceber, compreender, descobrir as intenções de outrem.

Boitatá – Fogo-fátuo, emanações de hidrogênio fosforado, muito leve.

Bombear – Espionar, espreitar, olhar, espiar, explorar.

Baru - *Dipteryx alata*.

Bergamoteira - *Citrus reticulata*

Branquilha - *Sebastiania commersoniana*.

Bugre - *Casearia sylvestris*.

C

Caborteiro – Cavalo ou outro animal, manhoso, arisco, infiel, velhacador, que não se deixa pegar.

Cabreiro – Desconfiado, astuto, esperto, pastor de cabras.

Cabresto – Cabeçada sem freio, para conduzir cavalgadas.

Candieiro – Pequena lâmpada de folha, para alumiar, abastecida com querosene ou óleo vegetal.



Canguçu – Município do Estado do Rio Grande do Sul;
Chimango – Partidários do governo nas revoluções gaúchas.
China – Descendente ou mulher de índio, cabocla, mulher morena,
mulher de vida fácil.
Chiripá – Vestimenta rústica, constuida por tecido de mais ou menos,
um metro e meio que é passado por entre as pernas é preso na cintura
em suas extremidades por uma cinta de couro ou pelo tirador.
Chiru//Xiru – Índio, caboclo, moreno carregado, indiático.
Chulear – olhar de vagar, examinando aos poucos, descobrindo lentamente.
Cuera //qüera – Gaúcho forte, destemido, homem ruim, melava.
Caju - *Anacardium occidentale*.
Camboatá (Camboatã) - *Cupania vernalis*.
Canjerana - *Cabralea canjerana*.
Cedro - *Cedrela fissilis*.
Chorão - *Salix babylonica*.
Coronilha - *Scutia buxifolia*.

D

Douradilho – pelo de cavalo na cor vermelho clara com reflexos dourados, cor de ouro.

E

Esquela – Través, soslaio, diagonal.
Erva Mate - *Ilex paraguariensis*.

F

Fandango - Denominação genérica de antigos bailes campestres.

G

Gaioteiro – Carroceiro.



Gaudério – Andarengo, pessoa que viaja muito, índio vago.
Guamirim // Guamerin – Arbusto de pequeno porte de madeira. de extraordinária dureza. Os revolucionários de 1893 e ainda em 1923 preparavam lanças com as hastes deste arbusto.
Guacho // Guaxo – Animal ou pessoa criada sem mãe ou sem leite materno.
Guampa – Aspa, chifre.
Guasca – Homem rústico, forte, valente // tira, correia, corda de couro cru, isto é, não curtido.
Goiabeira - *Psidium guajava*.
Guaco - *Mikania laevigata Spreng*.
Guajuvira - *Patagonula americana*.
Guamirim - *Myrcia multiflora*.

I

Inambu – *Ornate tinamou*, Ave brasileira que se caracteriza pela ausência de cauda.
Imbuia - *Ocotea porosa*.

J

Jatobá - *Hymenaea courbaril*.

L

Louro - *Cordia trichotoma*.

M

Maragato – Denominação dado ao revolucionário ou Partido da Revolução Rio-grandense de 1893 / 1923.

Matambre – Carne que fica entre as costelas e o couro da rês Assado muito saboroso.

Matungo – Cavalo velho, ruim, imprestável, defeituoso, lerdo.

Melena – Cabelo, cabelo vasto, cabelo grande, cabeludo.

Minuano – Tribo indígena que habitava o sudoeste do R.G.do Sul; vento frio e seco que sopra do sudoeste, no inverno.



Malva - *Malva sylvestris* L.
Manacá - *Tibouchina mutabilis*.
Mangueira - *Mangifera indica* L.
Marcela - *Achyrocline satureioides*.

P

Paisano – Amigo, camarada,
Pealo – Ato de arremessar o laço prendendo as patas do animal que esta correndo e derrubá-lo.
Piá – Menino, guri, caboclinho.
Povoeiro – Denominação dada pelos camponeses aos habitantes de um povo, vila ou cidade.
Prenda – Jóia, relíquia, presente de valor. Em sentido figurado moça gaúcha.
Pilcha (s) – Adorno, jóia, dinheiro. Roupas, arreios, objeto de valor;
Pau Alazão - *Eugenia Multicostata*.
Pau Sabão - *Sapindus saponaria*.
Pinheiro - *Araucaria angustifolia*.
Poejo - *Mentha pulegium*.
Porongo – **Cabaça** - *Legenaria vulgaris*.

Q

Querência – Lugar onde alguém nasceu se criou ou se acostumou a viver, e ao qual procura voltar quando dele afastado.

R

Rancho – Choupana, casa pobre, choça a beira dos caminhos, para abrigo dos viajantes.
Rebordosa – Desordem, estrupício, alvoroço.
Relancina – Relance, repente, rapidez, fugazmente, velozmente.
Romãzeira – **Romã** - *Punica granatum*.
Rosilho – Cavallo com pelo avermelhado salpicado de fios de cor branca, produzindo um efeito de cor rosada.



S

Sepé – Sepé-Tiaraju – Cacique guarani, morto em refrega que precedeu o massacre de Caiboaté – 7 de fevereiro de 1756, quando enfrentava portugueses e espanhóis em defesa de sua terra.

Soslaio – Esquela, obliquidade.

Sabugueiro - *Sambucus australis*.

Sucupira - *Pterodon pubescens*.

T

Taura – Indivíduo valente, arrojado, destemido, guapo, disposto.

Teatino – cavalo sem dono, pessoa que anda fora de sua terra, longe

de sua querência, como animal sem dono.

Tianga – Mulher de vida fácil.

Tobiano – Cavalo cujo pêlo escuro apresenta grandes manchas em geral brancas.

Taquareira – **Taquara** - *Bambusa Taquara*.

Tarumã Preto - *Vitex megapotamica*.

U

Umbu – *Phytolaca dioica*.

Uvaia - *Eugenia pyriformes*.

P

Potro (a) – Cavalo ou égua, ainda novo ou não, ainda xucro.

Preá - Cavia aperea, pequenos roedores, vivem em bandos próximos as matas úmidas.

V

Vincha – Fita ou lenço, atado sobre os cabelos ou no antebraço.

Veludinho - *Guettarda uruguensis*.



Z

Zaino - cavalo de pêlo castanho-escuro e uniforme, sem manchas.

Zorrilho - *Conepatus chinga*, mamífero de pequeno porte com hábito noturno e se caracteriza por possuir uma glândula anal para defesa que exala odor fétido.

Fonte de Consulta –

Dicionário de Regionalismo do Rio Grande do Sul

(*Zeno e Rui Cardoso Nunes*),

Google e o convívio com o linguajar do Sul.





Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

Catálogo do Projeto Passo Fundo
www.projetopassofundo.com.br



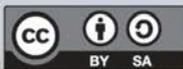
No sossego dos pelegos,
Sorvo a doce infusão,
A vovó fritava bolinho,
Eu acendo o lampião,
Os pássaros buscam o ninho,
Meus netos sentam no chão,
Num ambiente de carinho,
Os prendo em meu coração,
Espionando aqueles rostinhos,
Que só pensam em diversão.



Na trempe cambona velha,
Aquece água pro mate,
Descansa sobre pelegos,
Prenda de lábios escarlate.

O rancho era de pinho,
antigo – amarelado,
Lá me cheguei sozinho,
Não viajo acompanhado.

Apoio:



Portal
Domínio Público
Biblioteca digital desenvolvida em software livre



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura